

S B A

REVISTA DE CULTURA

SÃO BRÁS DE ALPORTEL

EDIÇÃO N.º 7 • 2.º SEMESTRE • 2023 • PVP 10,00€

07

A MULHER DE SÃO BRÁS DE ALPORTEL

José d'Encarnação

11

SÃO BRÁS DE ALPORTEL, MEMÓRIAS
DO LUGAR, DA ALDEIA, DA FREGUESIA
E DA SUA JUNTA

José Manuel Antonino Belchior

19

A PROCISSÃO DA RESSURREIÇÃO EM SÃO
BRÁS DE ALPORTEL: A QUESTÃO DA SUA
ORIGEM

Angelina Pereira

28

OS LADRÕES

Cristina Mendonça Neves

31

DR. ANTÓNIO SALUSTIANO LOPES
DE BRITO, UMA REFERÊNCIA DA
«INTELIGÊNCIA SAMBRAZENSE»

João Leal

34

UM ENCONTRO COM SÃO BRÁS
EM DUBROVNIK

Dora Gago

36

248,31 METROS

Gonçalo Duarte Gomes

43

ALGUMAS NOTAS SOBRE O ISOLAMENTO
DA SERRA E AS LIGAÇÕES RODOVIÁRIAS
ENTRE A VILA E O INTERIOR

Virgílio Martins

50

ÁLVARO TRINDADE PINA,
UM PINTOR EM S.BRÁS

Emanuel Sancho

54

30.º ANIVERSÁRIO DA ESCOLA BÁSICA DO 2.º
E 3.º CICLOS POETA BERNARDO DE PASSOS

Carla Geraldes Mateus

60

GENTE DOS MACHADOS
ANTÓNIO ROSA II

Júlia G. Neves

67

OUTROS OLHARES
A EXPOSIÇÃO: GENTES & MEMÓRIAS
PARTE 1

José Manuel Antonino Belchior
Vitor do Carmo Gonçalves Lourenço

73

NOVA AUTORA NESTA EDIÇÃO:
ANGELINA PEREIRA

EDITORIAL

Ressurreição – a palavra que nos ocorreu, ao pensarmos no editorial deste nº 7, porque o 7, dizem, é número mágico, pleno de significado. «Sete anos de pastor Jacob servia / Labão pai de Raquel serrana bela / Mas não servia o pai servia a ela / E ela só por prémio pretendia», cantou Camões. Sete são os dias da semana. Sete, as obras de misericórdia, tanto as corporais como as espirituais...

Portanto, chegar em pleno ao nº 7 transmite-nos a maviosa sensação de estarmos ricos e de até podermos pensar em 70 x 7, ou seja, em percurso longo a calcorrear. E queremos esse calcorreiolo!

Em segundo lugar... Não, não foi por privilegiarmos o texto que nos conta das prístinas origens da bem tradicional Festa das Tochas Floridas, «Ressuscitou como disse, aleluia, aleluia!». Não. «Ressurreição» ocorreu-nos justamente porque estava no nosso espírito – e este número é mais uma prova disso – ressuscitarmos memórias, a fim de cimentarmos a nossa identidade são-brasense.

Lá virá o tempo em que revisitaremos antiguidades e até, porventura, se falará do menir pré-histórico recentemente identificado, das gentes que por aqui estanciaram aquando da esta-

da dos Romanos, na época dos Árabes, Idade Média afora e na altura dos Descobrimientos e dos bispos que escolheram S. Brás para o seu repouso estival... Lá chegaremos!

Por agora, ressuscitamos memórias mais recentes.

A das noites longas ensombradas pelo medo da ladroagem. A das obras gizadas a custo para acabar com os maus cheiros do Ribeirão (248,31 metros!). Recordar-se-á – com fugaz visita ao nosso Museu – o cloque-cloque do calçado das moçoilas embiocadas e o som ritmado, a afastar-se, despertará desejos e suspiros...

Escutaremos essoutros suspiros, o da Serra, a lamentar-se do isolamento a que, geração após geração, negligentemente a quiseram votar, ignorantes da sua riqueza.

Alguns de nós tiveram nos anos 50 e 60 a sua radiosa juventude. Não admirará, portanto, é a lei da vida, que essas recordações semicentenárias agoira venham ao de cima em catadupa: os lugares, os usos e costumes, as pessoas.

Sim, as pessoas. O Dr. António Salustiano Lopes de Brito, figura notável da 'inteligência' são-brasense. Um pintor, Álvaro Trindade Pina, quase ignorado, que nos aprouve chamar

à ribalta, porque as suas obras pictóricas estão por i, no museu e em casas particulares e importa não as esquecer. Atrevemo-nos a vasculhar as gavetas deixadas pelo poeta dos Machados, António Rosa, a abarrotar de amarelecidas folhas presas por atilhos. A celebração dos 30 anos da Escola Básica do 2.º e 3.º Ciclos Poeta Bernardo de Passos constituiu bom pretexto não apenas para recordar o nosso poeta, de que tanto nos ufanamos, como igualmente a senda inovadora que a escola vem percorrendo em prol da nossa juventude.

Se o olhar cronologicamente panorâmico desde a quase isolada ermida a congregar gente em torno de si ao concelho actual, pleno de vontade de ter lugar cimeiro no Barrocal algarvio não foi esquecido, também aí está a magnífica colecção de painéis que foi «exposição» e cujo catálogo ora mui gostosamente nos dispusemos a publicar. Para que conste.

Temos um santo padroeiro, crentes ou incréus. Não apenas o tau-maturgo das doenças da garganta, mas, de certo modo, também a entidade fertilizadora das nossas raízes. São-Brasenses nos reconhecemos. Não é de admirar, portanto, que uma sambrasense, vagueando pela longínqua Croácia, adregue topar um S. Brás ao dobrar da esquina e, de supetão, seu pensamento haja voado para o seu rincão natal. São Brás sempre!

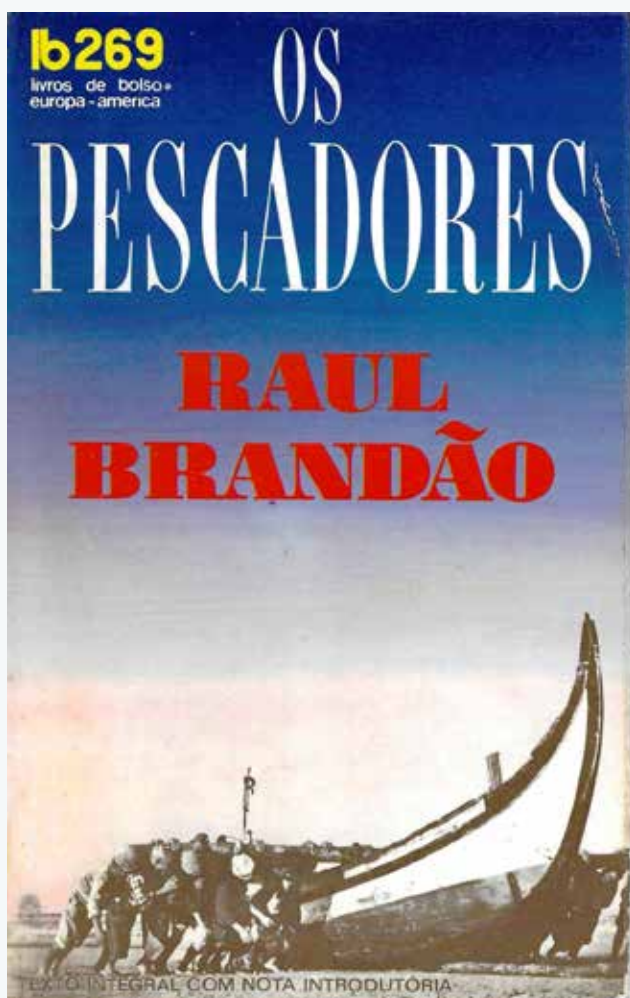
Por aí vamos – na ressurreição! No projecto acalentado de uma vila acolhedora, sim, aberta à inovação, mas de futuro alicerçado na real preservação dos seus valores tradicionais.

A equipa redatorial



A MULHER DE SÃO BRÁS DE ALPORTEL

De vez em quando, dá-nos uma veneta, vamos à estante e, de repente, o olhar fica preso. Aconteceu-me e foi *Os Pescadores*, de Raul Brandão, que me prendeu.



Creio que já me teriam passado sob os olhos transcrições de passagens mais ou menos eloquentes, mas, na verdade, nunca me dispusera a uma leitura integral. Fi-la agora, em tempo de férias e de carreirinha, tão aliciantes são os vívidos quadros que, de Norte a Sul, pela costa nos vai pintando. Aguarelas puras, em que a paisagem ganha forma de gente e as gentes se deixam moldar pela paisagem. Aliás, a dado passo, o próprio escritor não hesita em declarar:

«Se eu fosse pintor, passava a minha vida a pintar o pôr do Sol à beira-mar. Fazia cem telas, todas variadas, com tintas novas e imprevisitas. É um espectáculo extraordinário».

E se dúvidas houvera quanto ao papel predominante da mulher na vida familiar e económica, a narrativa de Raul Brandão fazê-las-dissipar de vez. É que Raul Brandão realça como, por toda a parte, a mulher tem a seu cargo as mais difíceis tarefas e jamais recua mesmo perante um esforço maior que do homem seria mais próprio.

Sendo um livro sobre a actividade piscatória publicado em 1923, a retratar o que fora observando, mormente no ano anterior, numa convivência intensa com os pescadores (em Ílhavo, em Mira, nas Berlengas, em Peniche, na Caparica, em Sagres, em Olhão naquela que é, decerto, a mais impressionante descrição do copejo do atum...) não me passara pela cabeça que aí iria encontrar uma referência a S. Brás de Al-

portel, até porque, neste barrocal a fugir para a Serra, em relação com o mar só os arrieiros que à lota de Olhão se iam abastecer e que, ao som da buzina (de búzio), se faziam anunciar.

Daí a surpresa! Para mais quando há um parágrafo que termina assim:

"O rude pescador de Olhão, que passa a existência no mar, também tem necessidade de uma ave e não pode viver sem a sua companhia...».

Que poderia vir no parágrafo a seguir?

Certamente terá sido a palavra 'companhia' a pedra de toque que, assim sem mais nem menos (aparentemente...), o levou a falar da mulher algarvia, a de Olhão e – pasme-se! – a de S. Brás de Alportel.

E é essa surpresa que me lembrei de partilhar.

A palavra, portanto, sem mais delongas, para Raul Brandão, num texto datado de Agosto de 1922. Aí vai ela:

Em todo o Algarve, a mulher é a prenda da casa. Trá-la muito bem tratada, muito bem fechada, restos da vida moura. A de Olhão, trigueira, de olhos negros e um lindo sorriso reservado, passa pela mais bela da província, pela vivacidade e pela fartura do cabelo. Já em S. Brás de Alportel, ali perto, as cabeças têm reflexos doirados e os peitos são desenvolvidos. Sentadas nas esteiras sobre os calcanhares, nas casas forradas de junco ou de palma, fabricam as alcofas, a golpelha em que se transporta a alfarroba e o figo e as alcovinhas mais pequenas chamadas alcoviteiras. Ainda há pouco tempo todas usavam cloques e bioco. O capote, muito amplo e atirado com elegância sobre a cabeça, tornava-as impenetráveis.

É um traje misterioso e atraente. Quando saem, de negro, envoltas nos biocos, parecem fantasmas. Passam, olham-nos e não as vemos. Mas o lume do olhar, mais vivo no re-



buço, tem outro realce... Desaparecem e deixam-nos cismáticos. Ao longe, no lajedo da rua ouve-se ainda o cloque-cloque do calçado – e já o fantasma se esvaiu, deixando-nos uma impressão de mistério e sonho. É uma mulher esplêndida que vai para uma aventura de amor? De quem são aqueles olhos que ferem lume?... Fitou-nos, sumiu-se, e ainda – perdida para sempre a figura –, ainda o som chama por nós baixinho, muito ao longe – cloque...



A explicação

Solicitei ajuda a Emanuel Sancho para as necessárias ilustrações e também para a explicação dos termos técnicos usados, que muito agradeço. Assim, escreveu-me:

«Bioco e capote deverão ser sinónimos.

Há notícia do uso dessas peças em vários lugares do Algarve. É perfeitamente possível que também tenha sido usado em São Brás, embora eu nunca tenha encontrado notícia disso».

Glória Marreiros explicou tudo sobre cloques e sapatos de ourelo na sua publicação sobre *Saberes e Fazeres Tradicionais da Mulher Algarvia* e vi igualmente uma explicação no blogue da APOS (Associação de Valorização do Património Cultural e Ambiental de Olhão), sediado em <https://www.olhaocubista.pt/usuarios>, que, por sinal, transcreve, a propósito do bioco, o que Raul Brandão escreveu, atribuindo, porém, por distração, essa passagem à mulher de Olhão, quando é à de S. Brás que Raul

Brandão se refere.

Quanto aos cloques, também Emanuel Sancho me deu a explicação:

«Os cloques são variantes dos vulgares sapatos de ourelo. Apresentam a diferença de terem o calcanhar solto (não é preso à sola de madeira). O resultado é uma maior facilidade no caminhar mas também permite amplificar o bater do tacão na calçada.

Daí resulta a lenda que diz que era possível manter-se um "diálogo", trocando-se mensagens simples, entre duas pessoas, apenas com os batimentos dos cloques...».

E é verdade: cloque, cloque, cloque – e lá ficamos nós a cismar!...

José d'Encarnação



ESTATUTO EDITORIAL

- ▶ **SBA Revista de Cultura** nasce da vontade de um grupo de são-brasenses profundamente empenhados em preservar a identidade são-brasense.
- ▶ **SBA Revista de Cultura** propõe, por isso, a reflexão sobre o que consubstancia essa identidade, que está na base da elevação de S. Brás de Alportel a concelho em 1914.
- ▶ Os responsáveis por **SBA Revista de Cultura** comprometem-se, por isso, a investigar e a dar a conhecer todos os componentes dessa identidade, unificados amiúde na expressão 'património cultural'. O artesanato, os ofícios e mesteres tradicionais, o diligente aproveitamento dos recursos naturais na óptica da sua valorização, as lendas e tradições orais, as festividades, enfim, essas e as demais componentes do património e da memória colectiva serão privilegiadamente acarinhadas.
- ▶ **SBA Revista de Cultura** compromete-se a defender a sua autonomia em relação ao poder político e a ser independente de todos os poderes.
- ▶ Será timbre de **SBA Revista de Cultura** o apoio a todas as iniciativas que se integrem nos seus objectivos.
- ▶ **SBA Revista de Cultura** não visa fins lucrativos e compromete-se a respeitar o código deontológico que rege as publicações periódicas.
- ▶ É intenção dos promotores que **SBA Revista de Cultura** tenha periodicidade semestral, a coincidir com o aniversário da criação do concelho e com o período natalício.

DIRETOR

José d'Encarnação

COORDENAÇÃO EDITORIAL

José do Carmo Correia Martins
José Manuel Antonino Belchior

COLABORAM NESTA EDIÇÃO

José d'Encarnação
José Manuel Antonino Belchior
Angelina Pereira
Cristina Mendonça Neves
João Leal
Dora Gago
Gonçalo Duarte Gomes
Virgílio Martins
Emanuel Sancho
Carla Geraldês Mateus
Júlia G. Neves
Vítor do Carmo Gonçalves Lourenço

CAPA E OUTRAS ILUSTRAÇÕES

José Amândio Afonso Pereira

PAGINAÇÃO

Stefanie Boucinha

TIRAGEM

150 exemplares

PERIODICIDADE

Semestral

N.º DE REGISTO NA ERC

127504

PROPRIETÁRIO/EDITOR

José do Carmo Correia Martins
as1646267@sapo.pt

SEDE & REDAÇÃO

José do Carmo Correia Martins
Sítio do Farrobo, 956 A
8150-032 São Brás de Alportel

IMPRESSÃO

Pixartprinting
Via 1º Maggio, 8
30020 Quarto d'Altino VE
Itália

S B A

REVISTA DE CULTURA

É uma revista livre suportada apenas por um grupo de cidadãos, maioritariamente com origens são-brasenses, empenhados na divulgação das tradições, história, comportamentos e conhecimento da memória do concelho de São Brás de Alportel.

IN MEMORIAM

Morreu Manuel Lázaro Oliveira de Brito
(08.05.1961, Olhão – 01.09.2023, Lisboa)

Homem sereno, discreto, amigo de livros e de quem escreve, foi mecenas singular na Cultura no Algarve. Patrocinou várias edições, especialmente dedicadas ao Algarve, tornando possível, através da sua Editora Sul, Sol e Sal, a publicação de obras invulgares a que algumas instituições oficiais voltaram as costas.

A sua ação pioneira, que possibilitou a realização dos sonhos de alguns, foi bruscamente interrompida. Deixou por realizar o projeto da Casa do Meio Dia em fase de aprovação de Estatutos.

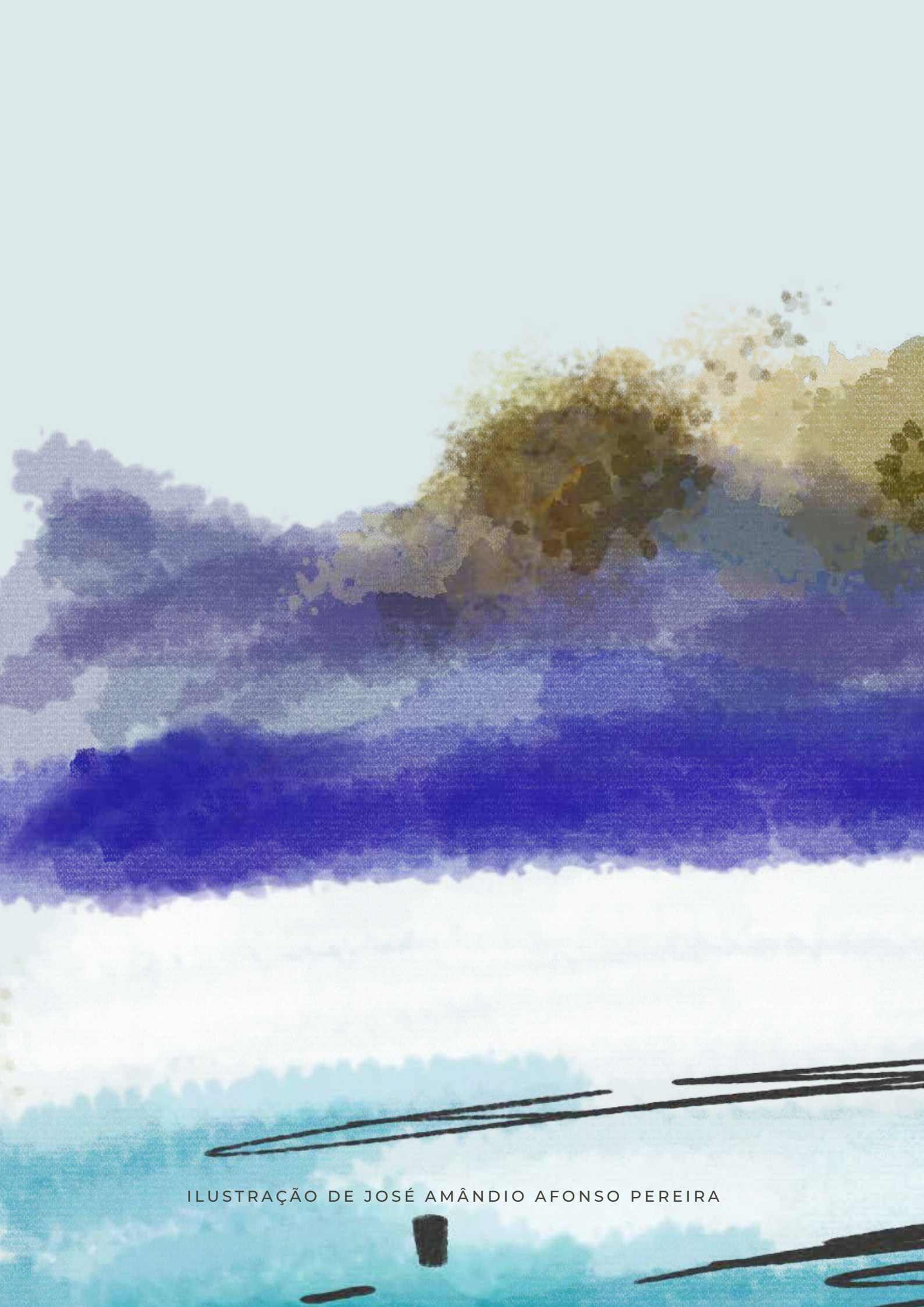


ILUSTRAÇÃO DE JOSÉ AMÂNDIO AFONSO PEREIRA